

A Guiana e a fantasmagoria da história: uma revisão teórica¹

Marcelo Moura Mello*

RESUMO

Este texto passa em revista as discussões, os debates e as ênfases teóricas (e conceituais) das principais contribuições antropológicas sobre a Guiana (antiga Guiana Inglesa). Objetiva-se, de um lado, apresentar aos leitores e às leitoras uma espécie de guia bibliográfico, que não tem a pretensão de ser exaustivo, sobre a Guiana. De outro lado, procura-se demonstrar o quanto as discussões sobre o país tendem a centrar-se em torno de um conjunto bem delimitado de questões.

Palavras-chave: Guiana. Etnicidade. História. Colonialismo.

Guyana and the phantasmagoria of History a theoretical review

Abstrac

This article reviews the discussions, debates, and the theoretical (and conceptual) emphasis of the main anthropological contributions about Guyana (former British Guiana). In one hand, the goal is to present to the readers a bibliographical selection, which is not fully comprehensive, about Guyana. On the other hand, the objective is to demonstrate how the debates about the country gravitate, in a great extent, around a well defined set of questions.

Key-words: Guyana. Ethnicity. history. colonialism.

A GUIANA E SEUS ESPECTROS

Imagens e narrativas sobre a Guiana parecem assomadas de modo muito particular por forças espectrais. Não raro, produções acadêmicas, obras artísticas e literárias, discursos oficiais, colunas jornalísticas e conversas cotidianas reverberam presenças imersas em cadeias temporais amalgamadas.

Nas décadas de 1950, distintos setores da população guianense mobilizaram-se em torno de projetos anticoloniais e pró-independência. Inicialmente, os questionamentos à ordem colonial congregaram os dois maiores segmentos populacionais do país, os indo-guianenses e os afro-guianenses, capitaneados por seus respectivos líderes, Chedi Jagan e Forbes Burnham, em um mesmo partido, o PPP (People's Progressive Party). Já no final da década de 1950, entretanto, o PPP dividiu-se em linhas étnicas e a almejada independência da Grã Bretanha, em 1966, foi antecedida por violentos conflitos entre os dois grupos, os quais resultaram na morte de centenas de pessoas e até na proposição de criação não de uma, mas de duas novas nações (SMITH, 1995, p.

224-233). Nesse período, Burnham fundou outro partido, o PNC (People's National Congress), cujos apoiadores eram, em sua imensa maioria, afro-guianenses. O PPP, por sua vez, passou a ser liderado por Jagan, e contou com massivo apoio dos indianos².

O surgimento de uma nação independente foi simultaneamente o momento de inscrição de outra relação temporal com a antiga metrópole e de incrustação de fissuras profundas. Evento indexador de uma série de experiências, o enfrentamento entre indo-guianenses e afro-guianenses na década de 1960 deitou raízes nas narrativas locais, ramificando-se nas décadas seguintes em outras tensões, confrontações e acusações. Os efeitos duradouros desses embates acham-se emaranhados em vários âmbitos, inclusive naqueles mais íntimos, de modo que muitos indivíduos trazem consigo, na forma de lembrança, as marcas da violência.

Com efeito, é impossível ignorar a constante alusão dos(as) guianenses aos efeitos duradouros desse momento de transição, cuja fantasmagoria parece pairar sobre a vida de todos. Longe de ser um quadro fixo, as cisões desse período ainda repercutem, seja na forma de narrativas de

* Doutor em Antropologia Social - Museu Nacional/UFRJ
Email: mmmello@gmail.com

perda, ausência e ressentimento, seja enquanto recurso explicativo para as tensões sucedidas em períodos posteriores. Não é nada incomum ouvir na Guiana a frase *este é um país dividido*³.

A rememoração desses conflitos conjura outra presença praticamente invisível hoje na Guiana: os ingleses. Ao atribuírem responsabilidades, os(as) guianenses pontuam reiteradamente quão determinante foi a ação deliberada daqueles na incitação de animosidades. A peremptória afirmação *eles nos dividiram e depois foram embora* é verbalizada com frequência no país. De fato, o percentual demográfico inexpressivo de brancos na Guiana (menos de 0,01%) não diminui a força espectral dos antigos colonizadores.

Declarada a independência em 1966, os ingleses evadiram-se em massa da Guiana. Por meio de uma aliança com o United Force, um partido ligado a empresários, e contando com o apoio da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, o PNC ganhou a maioria dos assentos no Parlamento e Burnham tornou-se primeiro-ministro, mantendo-se no poder, graças a “massivas fraudes eleitorais”, até a data de sua morte (HINTZEN, 1989, p. 52-56; TROTZ; PEAKE, 1999, p. 54; WILLIAMS, 1991, p. 271)⁴.

Após a morte de Burnham, todas as eleições realizadas a partir de 1992 foram ganhas pelo PPP, cujo percentual de votos quase que correspondeu à proporção populacional de indo-guianenses no país (HINTZEN, 2004, p.122). Durante os processos eleitorais dos anos de 1997 e 2001, novos enfrentamentos entre afro e indo-guianenses tiveram lugar, resultando no assassinato de dezenas de pessoas e no estupro de centenas de mulheres (TROTZ, 2004, p. 4). Em abril de 2001, as lojas de comerciantes indo-guianenses localizadas na principal rua comercial de Georgetown foram incendiadas por alguns afro-guianenses (HINTZEN, 2004, p. 122)⁵.

Basicamente é a esse cenário, sobre o qual trouxe apenas elementos básicos para a compreensão, que alguns analistas se referem para entender a maneira pela qual a Guiana constituiu-se enquanto uma nação racializada, assombrada pelo legado colonial (ver abaixo). Na perspectiva de autoras como Brackette Williams (1991, p.18-19), o fundamental é compreender como o nation-building se deu pelo esforço conjunto de diversos setores da sociedade guianense que tiveram que “acertar contas” com o legado colonial e com as “novas contradições” emergentes nesse processo. A relação entre distintos pertencimentos - étnicos, em especial - e a identidade nacional em novos estados independentes

como a Guiana ganhou, assim, proeminência.

O que não parece livre de consequências é de que com o passar do tempo certos eventos e processos da história guianense ganharam mais e mais destaque nas análises, como se tivessem emoldurado as dinâmicas das relações entre os(as) guianenses rigidamente. Nesse sentido, cabe perguntar se os efeitos de eventos da história guianense e se o processo de formação de identidades étnicas no país devam ser os pontos para os quais a análise deve convergir.

Este texto passa em revista as discussões, os debates e as ênfases teóricas (e conceituais) das principais contribuições antropológicas sobre a Guiana (antiga Guiana Inglesa). Meu objetivo é relativamente simples. De um lado, busco apresentar uma espécie de guia bibliográfico, que não tem a pretensão de ser exaustivo, sobre a Guiana; de outro, procuro demonstrar o quanto as discussões sobre o país tendem a centrar-se em torno de um conjunto bem delimitado de questões.

Analiso, aqui, apenas as obras dos antropólogos Raymond Smith, Chandra Jayawardena e Lee Drummond e da antropóloga Brackette Williams. Essa opção se pauta por alguns motivos. Em primeiro lugar - e por uma série de motivos que não cabe explorar aqui -, poucas etnografias de fôlego foram escritas sobre a Guiana desde a década de 1960. Isso não exclui a importância de outros empreendimentos que não recebem muita atenção aqui, como o livro de Trotz e Peake (1999), que dá ênfase a um aspecto praticamente ignorado - as relações de gênero - pelos autores analisados neste artigo e as contribuições de Jack Sidnell (1999; 2005), cujo trabalho na área da linguística (e, mais especificamente, das línguas crioulas) baseia-se em farto material etnográfico.

Em segundo lugar, foge às minhas competências proceder a um exame minucioso sobre a produção acerca das populações ameríndias, cujo escopo de debate não só é alheio ao restante das obras sobre a Guiana como se constrói a partir de ênfases e preocupações muito distintas. Por fim, busco destacar o quão recorrente é, na bibliografia especializada sobre a Guiana, a referência a eventos e processos históricos que, sem serem determinativos, teriam emoldurado as dinâmicas de relações interétnicas no país. Nesse sentido, trata-se de colocar em xeque a própria rentabilidade de certas ênfases.

Antes de passar à revisão bibliográfica, é preciso fazer um breve sobrevoo sobre a Guiana para melhor situar os leitores e as leitoras.

SOBREVOO: GUIANA, A TERRA DOS SEIS POVOS

Localizada no extremo norte da América do Sul, entre a Venezuela e o Suriname, a Guiana é dividida em três grandes regiões geográficas: Essequibo, Demerara e Berbice. O país possui profundas relações históricas, econômicas e culturais com o Caribe. Essa informação é fundamental por dois grandes motivos: a bibliografia sobre a Guiana dialoga, em grande medida, com as formulações teóricas produzidas para pensar as socialidades caribenhas e os(as) guianenses se veem mais como fazendo parte do Caribe e menos da América do Sul.

Habitada por distintos coletivos ameríndios⁶, a Guiana tem uma história marcada por deslocamentos populacionais em massa. Os invasores europeus - primeiramente holandeses, depois ingleses -, estabeleceram-se na região de forma mais efetiva a partir do século XVII. A principal atividade econômica no país até o século XX foi o plantio de cana-de-açúcar, sustentado primeiramente por mão de obra escravizada, em especial africana, e, em seguida, por trabalhadores contratados (indentured labourers).

É importante destacar, brevemente, que o indentured labour insere-se no processo de desmantelamento da escravidão negra na região. Após a emancipação, as ações das pessoas escravizadas foram na contramão das expectativas e dos interesses da plantocracia. Além de evadirem-se em massa das plantações onde eram coagidos a trabalhar, africanos e seus descendentes buscaram obter remunerações maiores quando se empregavam, temporariamente, na colheita de produtos agrícolas, notadamente da cana-de-açúcar. Disso resultou não apenas a escassez de mão-de-obra, como seu encarecimento.

Diante desse estado de coisas, a Coroa Britânica promoveu o recrutamento de trabalhadores contratados da Ilha da Madeira, de Açores e de Cabo Verde, da China, da África, de ilhas caribenhas vizinhas e da Índia, visando garantir o suprimento contínuo de mão de obra barata aos plantadores. Dentre esse contingente, a maior parte dos trabalhadores foi recrutada na Índia, de onde imigraram, entre 1838 e 1917, quase 240.000 homens e mulheres para a então Guiana Inglesa.

Atualmente, a população estimada da Guiana é, segundo o Guyana Bureau of Statistics, o órgão oficial de recenseamento, de 750.000 habitantes e o país é definido por seus habitantes como a terra dos seis povos, quais sejam: ameríndios, europeus, africa-

nos, indianos, chineses e portugueses - estes últimos não são considerados nem europeus nem brancos⁷.

“O encontro entre a teoria antropológica e qualquer região do globo diz tanto sobre a antropologia quanto sobre tal região”, sugeriu provocativamente Trouillot (1992, p.20) em um artigo já clássico. Indianos, africanos, chineses, portugueses, europeus e ameríndios. À exceção desses últimos, as categorias étnicas guianenses parecem ir na contramão de imagens de autoctonia. Essa “heterogeneidade”, fruto de complexas relações históricas entre populações muito distintas, não deixou de constituir uma “excentricidade” à teoria antropológica, para ficar com o eminente antropólogo e historiador haitiano (Ibid., p. 20-22).

As razões pelas quais o Caribe não despertou, por décadas, o interesse da antropologia foram deslindadas por Mintz (1974, p. 1996) em distintos momentos. Como bem sintetizaram os organizadores de uma coletânea recente sobre a região, o Caribe foi o “mais antigo palco da expansão além-mar europeia”, onde “o capitalismo e a globalização assentaram-se primeiramente”, “antecipando e possibilitando os processos de expansão europeia” (PALIMIÉ, SCARANO, 2011, p.7-12). Com o virtual extermínio das populações autóctones⁸ e o deslocamento massivo de populações de várias partes do globo desde o século XVI, o Caribe teria se tornado uma região “sem ruínas”, conforme a célebre definição de Orlando Patterson (1967). Como notou Trouillot:

The swift genocide of the aboriginal populations, the early integration of the region into the international circuit of capital, the forced migrations of enslaved African and indentured Asian laborers, and the abolition of slavery by emancipation or revolution all meant that the Caribbean would not conform within the emerging divisions of Western academia. With a predominantly nonwhite population, it was not ‘Western’ enough to fit the concerns of sociologists. Yet it was not ‘native’ enough to fit fully into the Savage slot where anthropologists found their preferred subjects. When E. B. Tylor published the first general anthropology textbook in the English language in 1881, Barbados had been ‘British’ for two and a half centuries, Cuba had been ‘Spanish’ for almost four, and Haiti had been an independent state for three generations - after a long French century during which it accounted for more than half of its metropolis’s foreign trade. These were hardly places to look for primitives. Their very existence questioned the West/non-West dichotomy and the category of the native, upon both of which anthropology was premised. (TROUILLOT, 1992, p. 20-21).

Compreende-se, então, porque boa parte dos estudos antropológicos realizados na região nas décadas de 1950 e 1960 preocupou-se sobretudo em responder como, em meio a essa “heterogeneidade” (Ibid., p. 23-24), as sociedades caribenhas se mantinham, e se mantiveram, integradas. No entanto, a ‘excentricidade’ da Guiana não se circunscreveria apenas à ‘heterogeneidade’ de sua população, mas também às complexas e tensas relações entre os grupos que constituíam o país. A partir desse sobrevoo espero evidenciar o porquê de a bibliografia especializada sobre o país preocupar-se em tão larga medida com a **sociedade guianense**.

FANTASMAGORIA

Passo, de agora em diante, a uma revisão crítica das contribuições, ideias e pressupostos teóricos dos quatro principais trabalhos etnográficos sobre a Guiana, elaborados pelo inglês Raymond Smith, pelo cingalês Chandra Jayawardena, por Lee Drummond e por Brackette Williams, ambos nascidos e formados nos Estados Unidos. Consoante ao diagnóstico de Sidnell (1999, p. 107n5) e Trotz e Peake (1999, p.1-4), pode-se afirmar que o principal debate sobre a história e a sociedade guianense diz respeito a maneira pela qual classe, etnicidade e raça construíram-se mutuamente na era colonial e após a independência do país⁹.

Orientado por Meyer Fortes em Cambridge, Raymond Smith foi o primeiro antropólogo a publicar uma etnografia de fôlego sobre a região costeira da Guiana - tendo realizado pesquisa, como Jayawardena, numa época em que a Guiana ainda era uma colônia inglesa. Em *The Negro Family in British Guiana*, o ex-piloto da força área britânica investigou os “aspectos estruturais” de três vilarejos afro-guianenses. Em sua visão, essas “pequenas porções da população” só poderiam ser compreendidas à luz das “características da sociedade total da Guiana Inglesa”¹⁰ (SMITH, 1955, p. 3-4). Reivindicando a validade do pressuposto de que “comunidades locais” e a “sociedade da qual elas fazem parte” são “interdependentes e funcionalmente relacionadas” (Ibid., p.4), o autor delineou os contornos do que chamou de “natureza da estrutura familiar” afro-guianense (Ibid., p. 5). Smith apresentou uma descrição detalhada das três comunidades e chamou a atenção para as características usualmente atribuídas à “família negra no Novo Mundo”, dentre as quais o “papel de destaque” das mulheres no âmbito doméstico, a “marginalidade” dos homens em seus “papéis” de maridos e/ou de pais, a “aparente fraqueza das uniões conjugais” e a “força dos laços de parentesco”, particularmente entre mães e filhos(as). A partir daí, o autor se propôs a interpretar os fatos observa-

dos à luz da “teoria sociológica geral”¹¹ (Ibid., p. 5-6).

Sua tese é a de que os negros na Guiana constituiriam um “subgrupo funcionalmente diferenciado” do sistema total guianense (Ibid., p. 39). O “grupo doméstico”, analisado por meio das técnicas estatísticas aplicadas por Fortes na África (Ibid., p. 96) e de um “modelo classificatório sincrônico” (Ibid., p. 106), configuraria a “unidade funcional mais importante” (Ibid., p. 51). Smith agregou a esse modelo o que chamou de “dimensão temporal”, ou seja, os “estágios de vida” de três gerações familiares (Ibid., p. 106). Na Guiana, “os princípios de organização social” variariam entre diferentes “grupos de status” em virtude da “hierarquia de classe e de cor” (Ibid., p. 107). No caso das três comunidades estudadas, haveria “pouca diferenciação interna” de status entre seus habitantes e o parentesco era um “mecanismo de integração” (Ibid., p. 163-164).

Para Smith, a família do subgrupo negro era integrada ao “sistema de estratificação” da sociedade guianense, o qual seria organizado em torno da “ação recíproca” de dois grandes fatores que determinavam o status: a “cor da pele” e a “classe social”. Certamente, distinções étnicas e de classe “não coincidem”, embora fossem “intimamente relacionadas”, alertou o autor (Ibid., p. 193). Em sua visão, em alguma medida as “posições hierárquicas” em “todos os níveis” da sociedade guianense eram expressas pela “dicotomia negro/branco”. A formação desse “sistema de cor/classe” remontava à escravidão, de modo que quando portugueses, chineses e indianos chegaram ao país, as “fundações” desse sistema já estavam “consolidadas” (Ibid., p. 201).

Na obra publicada no início da década seguinte, *British Guiana*, Smith deu ênfase ao “caráter estruturante” dos “valores ingleses” na “formação de percepções e anseios de cada segmento da população” (Id., 1961, p. 39-41). O pressuposto segundo o qual os negros teriam “absorvido” os princípios hierárquicos relacionados à cor, às condutas e às percepções religiosas de seus colonizadores ganhou relevo:

One could say that the Negroes, the Coloured, and the English-speaking whites all came to share a common conception of the colonial society; a conception in which things English and ‘white’ were valued highly whilst things African and ‘Black’ were valued lowly [...] The really important thing, however, was that the Negroes themselves accepted their inferiority [...] since they themselves accepted the values on which colour discriminations were made, they emphasized even the smallest colour

differences amongst themselves rather than accepting their common identity. (Id., 1962, p. 41-42).

Nesse sentido, o processo de “integração” da Guiana caracterizou-se pela “assimilação” de “ideias” e “aspirações” “comuns”, que “substituíram isolamentos seccionados” entre os grupos de cor (Ibid., p. 45). O “interessante” sobre o país não seria “a extensão das diferenças étnicas”, mas sim a “existência de uma cultura comum” em distintos estratos da sociedade (Ibid., p. 140). Assim, os valores “compartilhados” por negros e brancos já no século XIX “situaram” as diferenças linguísticas, religiosas e de costumes dos recém-chegados - chineses, portugueses e indianos - em “estratos inferiores da cadeia hierárquica”, pois os “comportamentos” destes “destoavam das normas protestantes, linguísticas e comportamentais” tidas como específicas à “cultura inglesa”¹². Os indianos, por sua vez, teriam “retido em maior medida seus modos de vida” e seriam “mais facilmente distinguíveis enquanto grupo étnico”, dada sua “absorção mais recente” à sociedade guianense (Ibid., p. 105-111).

Logo após publicar sua monografia, Smith deu início a um trabalho de campo em um vilarejo indo-guianense rizicultor, publicando um artigo a respeito (Id., 1957). Paralelamente, engajou-se no recrutamento de um pesquisador para estudar áreas de plantação de açúcar habitadas por indo-guianenses. Por meio da indicação de Raymond Firth, o antropólogo do Sri Lanka Chandra Jayawardena foi designado para a função. Como o próprio Jayawardena (1963, p. ix) assinalou, Smith prestou-lhe grande auxílio na condução de sua pesquisa de campo e ambos assinaram artigos conjuntamente¹³, os quais deram ênfase à vida familiar e doméstica dos indianos. Em um desses artigos, o pressuposto básico dos autores foi evidenciado:

It is basic to our analysis that we see the Indians not as a separate and alien group maintaining a completely separate culture, but as an integral part of Guianese society sharing the principal societal values and culture. At the same time the category ‘Indians’ is a differentiated category within the Guianese social system, and this differentiation is maintained partly because of the continuities in Indian culture and partly because of the general importance attached to the specific qualities of individuals, including ethnic origin. This is a feature of the value system of the total society which makes it almost impossible for ethnic origin to be completely ignored as a component of the individuals social person no matter what his other social characteristics may be (SMITH; JAYAWARDENA, 1959, p. 322).

Após embarcarem para a época do indentu-

red, os autores destacam-se “três grandes tendências”, tomadas enquanto “tipos ideias”, do “processo de mudança social” que “incidiu” sobre os indianos (Ibid., p. 324). Em primeiro lugar, o “conservacionismo” resultante da “retenção” de certos “costumes” trazidos da Índia, como a língua, os “rituais locais e de casta”, as “crenças panteístas”, o “reconhecimento da validade” da casta, embora as “prescrições a ela associadas não fossem preenchidas”, e a “tentativa de preservar”, “tanto quanto possível”, “algo da vida dos vilarejos da Índia” (Ibid., p. 324-325). Entretanto, os indianos não deixaram de “adotar” os valores de “outros guianenses” na “avaliação” que fizeram de sua “própria cultura”.

A segunda tendência foi a da “crioulização”. Imediatamente, os autores ressaltam “que talvez fosse mais apropriado” falar de “diversas características” da crioulização, uma vez que as “influências exercidas” pela “sociedade guianense crioula” variaram “em distintos níveis da hierarquia social” (Ibid., p. 325). A adoção da “língua inglesa”, da “indumentária ocidental”, de “padrões crioulos de consumo”, a “aceitação da importância da educação primária para os filhos”, o “reconhecimento”, pelo próprio grupo, da “inevitabilidade da mudança dos velhos costumes indianos”; a adoção de “estilos de vida” dos “grupos com maior status” pela “classe ascendente de indianos”. Esses aspectos constituíram um “conjunto de influências” (de crioulização) que incidiram sobre os indianos (Ibid., 1959, p. 325).

A terceira tendência foi a do “desenvolvimento de uma ideologia da cultura indiana”, derivada, basicamente, “da consulta a fontes escritas” e da “ênfase aos valores mais elevados do hinduísmo e do islamismo”. Adicionalmente, “idealizou-se as glórias do passado e do presente da Índia”, na medida que isso “envolveu a ênfase nos elementos universalistas” das “tradições” hindus e muçulmanas (Ibid.,325). Em relação a esse último aspecto, os autores afirmaram que:

The emphasis upon the value of ‘Indian culture’ is in itself a part of the dialogue of argument about the relative status of ethnic groups in Guianese society, an argument never carried on too openly or with too much vigor because of the conflict with the ideal of racial equality (Ibid., p. 325-326).

Se, de um lado, as “classes médias ascendentes” de indianos aderiram, “em maior medida”, à “cultura da classe média educada guianense”, de outro lado as circunstâncias da época fizeram com que os “símbolos” da cultura indiana “achassem seu espaço” entre aqueles. Dada a “relutância” dos outros guianenses em “aceitar as reivindicações de status” da classe média

indiana, esse grupo “criou organizações paralelas” e passou a “ênfatar o valor da cultura da Mãe Índia”. Assim, essa classe tornou-se “mais criouliizada” e, ao mesmo tempo, conferiu “maior valor” ao fato de “ser indiana” (Ibid., p. 326). Em resumo, e como propuseram em outro artigo conjunto, na Guiana “todos os grupos aceitaram o mínimo básico da cultura inglesa” (SMITH; JAYAWARDENA, 1996 [1967], p.137). O “escalamento” dos “grupos étnicos” na sociedade colonial teria se dado em referência à “branquitude”, que comprazia tanto a “cor da pele” quanto as “práticas costumeiras e culturais” (Ibid., p.137).

Os primeiros escritos de Jayawardena sobre a Guiana foram co-autorados por Smith. Aos poucos, o antropólogo cingalês explorou outras questões. A redação de um artigo sobre estabilidade conjugal, seguiram-se estudos sobre as transformações históricas do hinduísmo na Guiana e artigos que se propunham a pensar as comunidades indianas dispersas pelo mundo comparativamente (JAYAWARDENA, 1960; 1968; 1980). Sem dúvida, sua monografia, *Conflict and Solidarity in a Guianese Plantation*, publicada em 1963, marcou certo desprendimento para com Smith.

Como o próprio título da obra indica, o foco de Jayawardena é nos conflitos - “seus fatores, causas e formas” (JAYAWARDENA, 1963, p. vi). O autor se propôs a investigar um “tipo particular” de conflito, as “disputas interpessoais por prestígio”, analisadas em relação ao “sistema social” do qual “faziam parte” e à luz de suas “funções positivas” (Ibid., p. vii). Jayawardena concebia a história da Guiana enquanto um “processo integrador de diversos grupos imigrantes na formação de uma sociedade única”, cuja constituição foi “facilitada pelo poder estatal de regulação das relações sociais” (Ibid., p. 2).

No caso dos indianos, o sistema de trabalho contratado os sujeitou ao “controle social” dos plantadores e sua “integração social” se deu em um contexto no qual as plantações eram “isoladas” do restante do sistema social. Assim, os indo-guianenses formavam uma “classe apartada” do restante da população, sendo “desprovidos” das “características culturais valorizadas” pela sociedade da época (Ibid., p. 15-17). Diversas “características da tradição cultural indiana” teriam se modificado durante o indentured, como a “erosão do sistema de castas” (Ibid., p.19), os “arranjos residenciais” e de “parentesco” (Ibid., p. 20-22) e as “identidades religiosas” - as distinções entre hindus e muçulmanos “atenuarem-se” e o “ser indiano” ganhou precedência em relação a outras identificações (Ibid., p. 23-24). Segundo Jayawardena (Ibid., p. 24-25), “dois tipos de mudança” influenciaram a “cul-

tura indiana: a “crioulização” e a “recusa ostensiva” de se “abandonar costumes tradicionais” (Ibid., p. 25).

Em relação as duas “unidades sociais” estudadas por Jayawardena, as plantações de Pourt Maurant e Blairmont, ambas localizadas na região de Berbice¹⁴, três fatores relativos à “estratificação social” foram destacados: a “divisão do trabalho” e as “diferenciações” “étnicas” e de “classe”. Tais “linhas de diferenciação” operariam em distintos níveis, formando um “subsistema” no qual havia espaço para a “escolha individual”, isto é, a possibilidade de indivíduos decidirem a quais grupos “se afiliariam em vista de seus objetivos pessoais” (Ibid., p. 9-10). Para Jayawardena, não havia “expressão formal da unidade” da comunidade indiana, conquanto a “descendência” e a “pertença religiosa” constituíssem-se enquanto “princípios de recrutamento” fundamentais na dinâmica do grupo (Ibid., p. 12-13). Paralelamente, “normas igualitárias” (Ibid., p. 48) contrabalançavam “estratificações e hierarquias”.

Essas seriam as características básicas do “modelo estático” do sistema social das “comunidades de plantações”. Em seu “aspecto dinâmico”, tal sistema era “atravessado” pelo conflito, definido, a partir de Weber, enquanto o “resultado do exercício do poder por pessoas ou grupos em situações nas quais a ação social é guiada por interesses mutuamente incompatíveis” (Ibid., p. 53). A estrutura dessas comunidades seria composta por um número de grupos com “interesses opostos”, cujas ações se pautariam ora pela “cooperação”, ora pelo conflito (Ibid., p. 55). Dada a existência de “múltiplos laços interconectados” entre as pessoas, as relações entre elas se alternariam entre “alianças” e conflitos. Assim, a “oposição entre as partes manteria a coesão do todo” (Ibid., p. 56).

Em Blairmont e Pourt Maurant, boa parte dos conflitos advinha de “reivindicações individuais” de status que “rebaixavam a dignidade alheia” (Ibid., p. 71-72). Jayawardena apresentou - de modo muito rico e detalhado- uma série de situações nas quais disputas iniciadas entre dois indivíduos passaram a envolver um número maior de pessoas. Na medida em que “disputas pessoais” também diziam respeito à “esfera pública”, formas de “controle social” (Ibid., p. 90), pautadas por normas igualitárias “internas às comunidades”, “incidem sobre todos”.

A influência de Gluckman - reconhecida em mais de um momento (Ibid., p. 54-56; p. 133) - fica evidente. Jayawardena (1963, p. 131) procurou discernir “a natureza e a função do conflito social” para responder como um “sistema social persiste apesar dos conflitos” (Ibid., p.133), os quais, eventualmente,

“contribuíam” para sua “manutenção” (Ibid., p.134). As disputas nas comunidades de plantações de açúcar expressariam “o conflito entre normas igualitárias” e “aspirações individuais”. Assim, “ideologias igualitárias” contribuíam para a “regulação das condutas”, promovendo a “solidariedade” (Ibid., p. 140).

Smith e Jayawardena estudaram, propositadamente, vilarejos etnicamente homogêneos, sem concebê-los enquanto unidades sociais apartadas e/ou isoladas. Engajando-se nos debates teóricos do estrutural-funcionalismo britânico, os autores viram as diferenças entre indo e afro-guianenses como o resultado da variação nas orientações para com as normas de prestígio, os valores e os símbolos de status vigentes na sociedade da época - que estava imersa em um conturbado processo de independência, é bom lembrar.

Ao mesmo tempo, boa parte das diferenças entre os grupos provinha do grau de integração à sociedade guianense, algo diretamente tributário do período histórico em que isso se deu. O processo de criouliização equivale na obra de ambos, então, à progressiva adesão aos valores da sociedade guianense, que já seria crioula desde o século XIX, conforme se depreende de suas considerações. Outro aspecto interessante é o emprego das noções de cultura e símbolo, que viriam a se tornar conceitos centrais em um ousado modelo propugnado por um antropólogo próximo a Smith, mas com formação teórica significativamente distinta: Lee Drummond.

Drummond (1980) buscou nos estudos sobre as línguas crioulas ferramentas teórico-conceituais para tratar dos problemas antropológicos relativos à “etnicidade e à cultura em sociedades poliétnicas”. Para tanto, o autor - cuja pesquisa de campo foi levada a cabo na década de 1970¹⁵ entre os Arawaq - extrapolou o conceito de continuum linguístico de Bickerton (1975)¹⁶, o qual “apresentaria um ganho teórico por enfatizar a variação”, as “diferenças intrasocietárias” e a “dimensão diacrônica da transformação da linguagem”:

Speakers of creole languages and learners of second languages routinely generate utterances according to the transformational rules of a linguistic continuum. I argue that members of a creole society similarly operate with understandings and expectations concerning fundamental differences that set apart persons in their society, and that those differences comprise a cultural continuum. In the emigrant society of Guyana differences are most clearly articulated in terms of racial or ethnic categories, so that

the Guyanese cultural continuum is primarily organized around variable concepts of ethnic identity. (Drummond, 1980, p. 352-353, grifos no original).

Se a “linguística crioula” fosse tomada enquanto “metáfora antropológica”, como seus conceitos, notadamente os de variação e mudança interna, poderiam ser aplicados à “análises substantivas de processos culturais em sociedades particulares”?, perguntou-se (Ibid., p. 355). Drummond começa a responder a essa questão chamando a atenção para algumas características do “continuum crioulo guianense”, tanto em termos “linguísticos” quanto “culturais”.

Como o modelo do continuum dá “ênfase às diferenças intrasocietárias”, ele se mostra “útil” para pensar a “questão da etnicidade”, que, tal como o parentesco, seria fruto da “formulação cultural de um sistema de similaridade e diferença” (Ibid., p. 355). No caso da Guiana, a variabilidade linguística no interior do continuum seria acompanhada da “variabilidade dos estereótipos étnicos” existentes, os quais dividem a população em “categorias discretas porém interconectadas” (Ibid., p.357)

Para Drummond, “mudanças na estrutura social guianense aumentaram ainda mais” a “diferenciação interna” das categorias étnicas (Ibid., p. 356). Para embasar seu argumento, o autor recorre à obra de Smith (1962) e afirma que a sociedade guianense foi “integrada sob a autoridade política e hegemonia cultural inglesa”. Assim, “todos os segmentos da população” teriam “incorporado”, de modo “específico”, os “valores ingleses” (Ibid., p. 356-357):

Because Amerindians, Europeans, Africans, East Indians [isto é, os descendentes de indianos], Chinese and others entered British Guianese society at different times and on different stratification levels, it is not surprising that they assimilated English culture at different rates and in different ways. Again, the language learning analogy works nicely: a small proportion of the population became well-versed in English customs and manners, another small proportion acquired the barest rudiments of them, and the majority were spread out between the two extremes. Despite great differences in the assimilation of English ways, most Guyanese were prepared to assert at some point that they were behaving just as the English did. (Ibid., p. 357).

O fator tempo é tido como relevante para tratar da “assimilação da cultura inglesa” pelos indianos, uma vez que esse grupo deslocou-se para a Guiana após o “processo de cristianização” ter se “estabelecido”

entre os negros (Ibid., p. 358). Assim, os indianos se inseriram em uma sociedade na qual tanto a “minoridade dominante” quanto a “maioria subordinada” “compartilhava” um “conjunto de valores religiosos”, o qual excluía crenças tidas como pagãs. Os descendentes de africanos teriam “preenchido o vazio deixado pelos colonizadores” e se tornaram “culturalmente ingleses”, retendo o cristianismo e reforçando a divisão entre “crentes e não crentes”. Em suma, “os ingleses desapareceram da Guiana, mas o cristianismo não”, sentenciou Drummond (Ibid., p. 359).

Os “processos culturais” em curso na Guiana não resultariam de “conflitos” entre grupos com “instituições e tradições discretas”. Para melhor compreendê-los, caberia analisar as “transformações” e a “dinâmica do sistema cultural guianense”. Drummond destacou a variação das categorias étnicas no interior do segmento indiano. E essa seria outra razão para avançar uma explicação baseada em “algum tipo de hipótese” do continuum crioulo (Ibid., p. 360). Essa última abordagem se revelaria ainda mais importante ao se notar a “diferenciação interna” entre as “comunidades religiosas hindu e muçulmana”. Ainda que existissem “rearranjos do código interno” e uma “heterodoxia de práticas”, as tradições hindus e islâmicas uniriam os indo-guianenses em um “sistema de diferenças compartilhadas”.

Drummond concluiu que os guianenses usavam, diariamente, várias categorias étnicas, empregando-as de “maneira contraditória e mutuamente inconsistente”, pois seus “significados” seriam antes “contextuais” do que “unívocos”. Assim, essas categorias compartilhariam de uma propriedade comum a todos os símbolos: a “ambiguidade” (Ibid., p. 367), fazendo parte de um sistema cultural por meio do qual as pessoas “definem e identificam os atributos de um grupo étnico X ou Y” (Ibid., p. 366). “Estereótipos étnicos” seriam empregados cotidianamente na Guiana, mas ao invés de buscar “regularidades estruturais”, o autor delineou os “aspectos sistemáticos que conferem significado às categorias étnicas” (Ibid., p. 366). Gramaticalmente, os guianenses “seguem regras múltiplas” que parecem incompatíveis; o mesmo sucede em relação à etnicidade, “não havendo critério definitivo” para estipular seus significados em situações concretas nas quais “contradições” se evidenciavam (Ibid., p. 357; 367).

Em síntese, o continuum cultural guianense possuiria três características: 1) a “atribuição étnica” era um aspecto “espontâneo” e central na vida guianense; 2) As categorias étnicas guianenses formavam um “sistema interconectado de significados”; e 3) a “na-

tureza sistemática” dessas categorias derivaria de seus “significados multivocais e heterogêneos”. Destarte:

Internal variation and change are methodologically and theoretically crucial to understanding how Guyanese culture operates. Informing the development of this continuum model is the idea that ethnicity may be treated as a cultural system, that is, as a set of compelling ideas about one's own and others' distinctiveness that provide a basis for acting and for interpreting others' actions. (Ibid., p. 368).

Se em Smith e Jayawardena, guardadas as diferenças entre os dois, a questão central era saber como o sistema social guianense se integrava, Drummond, em troca, objetivou demonstrar como um “sistema cultural” operava na Guiana.

Em uma obra publicada poucos anos depois, Brackette Williams (1991, p. xiii) seguiu caminho inverso, perguntando-se como, no dia a dia, os guianenses “construíam a si mesmos” enquanto membros de “classes”, “raças” e “grupos étnicos”, e, simultaneamente, como “construíam uma nação e uma cultura” “no interior, e na contramão”, da “dominação hegemônica anglo-europeia”. A perspectiva de Williams é diacrônica e o (conturbado) processo de independência da Guiana, após anos de dominação colonial, paira sobre todo o livro. Para a autora, era fundamental distinguir se “identidades coletivas particulares existiam antes, se foram a criação de ou remodelaram-se em função do desenvolvimento de ideologias nacionalistas” (Ibid., p. 26).

Tal como Smith e Jayawardena, Williams¹⁷ realizou trabalho de campo em um vilarejo da região costeira da Guiana, com a importante diferença de que a “composição racial” (Ibid., p. 46) dessa localidade era “heterogênea” e “proporcional”, com indianos e negros vivendo em um mesmo espaço¹⁸ - certamente, essa não foi uma escolha fortuita. Outro ponto digno de nota é que a pesquisa, realizada entre 1979 e 1980, foi conduzida em um período no qual a perseguição política promovida pelo PNC recrudescia - em 1979 confrontos violentos tiveram lugar entre negros e indianos após as eleições e no ano seguinte Walter Rodney foi assassinado.

Stains on my name, war in my veins lida com grandes debates concernentes à etnicidade, ao nacionalismo, à identidade, à formação de estados no contexto de descolonização e à política¹⁹ - o gênero só viria a receber atenção posteriormente (Williams, 1996)²⁰-, guiando-se por uma perspectiva “multidimensional” atenta às “intersecções entre distintos

processos” (Williams, 1991, p. xv; 28). Mesmo lidando com questões amplas, o princípio esposado pela autora era o de que “categorias analíticas não deveriam ter prioridade em relação à etnografia”:

(...) to understand how personal and group identities are constructed and transformed in the intersection of territorial and cultural nationalism, we must first produce ethnographic accounts of the manner in which race, class, and culture have been entangled in the historical development of particular ideological fields [...] we must provide detailed accounts of how ideological fields operate to sustain the pragmatic subordination and the divisive intents of a diverse population. Both tasks require us to attend carefully to the microsociological details of the ways these entanglements and inequalities are manifest in the social organization of interaction, as well as in the symbolic representation of status within and across the personal and group identities constructed during objective struggles. (Ibid., p. 29-30)

Nem raça, nem classe, nem etnicidade constituiriam, “por si mesmas”, seu objeto. Williams definiu sua obra enquanto uma investigação acerca da “mutabilidade das estruturas ideológicas de dominação construídas a partir de tais distinções” (Ibid., p. 33).

O livro, dividido em três partes, tem um caráter pendular. Williams inicialmente se debruça - de modo visionário, diga-se de passagem - sobre os conflitos étnicos e nacionalistas no Leste Europeu, passa à descrição do vilarejo onde realizou sua pesquisa, trata da formação histórica da hegemonia anglo-europeia logo depois e, por fim, retorna à análise de relações interpessoais em âmbito comunitário. Em todos os capítulos, o papel dos “estereótipos étnicos” na Guiana ganha destaque.

A começar pela centralidade, no vilarejo estudado, cujo nome fictício é Coklaroum, desses estereótipos na “avaliação de comportamentos individuais” na esfera do trabalho, os quais eram associados à “herança”, ao “sangue” e às “substâncias” de cada “grupo racial” (Ibid., p. 54-69). Em relação ao “status individual”, um de seus principais “índices” era a “localidade” - o local de nascimento e de residência de alguém -, cuja ordenação consistia na “distribuição espacial de pessoas etnicamente identificadas” (Ibid., p. 71). Não obstante, os residentes de Coklaroum consideravam-se “economicamente iguais” e os princípios de “viver bem com os outros, de solidariedade, de reciprocidade e de cooperação interpessoal” (Ibid., p. 92) “estruturavam as interações”, servindo de base para as “avaliações das condutas de indivíduos e fa-

mílias”, as quais eram “situadas” em um “continuum moral” (Ibid., p. 94). Nesse plano, a “ideologia do igualitarismo”, que era atravessada por “hierarquizações”, transcendia as “fronteiras étnicas” (Ibid., p. 99).

O enfoque nos significados ligados às diferenças de filiação étnica se dá na segunda parte do livro, na qual a escala de análise alterna-se incessantemente. Evocando Drummond, Williams afirma que para entender como os guianenses “pensam com” “concepções simbólicas da etnicidade” e por que “atribuem estereótipos a grupos ou indivíduos particulares”, era preciso examinar uma série de “aspectos inter-relacionados” da “história social e econômica da Guiana”, em especial: 1) as condições históricas pelas quais agrupamentos “eticamente identificados” vieram a “compartilhar” o mesmo espaço geográfico e a participar de um mesmo “ordenamento sociocultural e econômico”; 2) a maneira pela qual as “elites europeias” conferiram “significados à identidade étnica a partir da racionalização de sua condição dominante”; 3) como, em diferentes períodos e circunstâncias, “grupos étnicos subordinados” “incorporaram e reinterpretaram” o “quadro ideológico” da sociedade para reivindicar seus “direitos” frente aos dominadores e a outros grupos subordinados (Ibid., p. 127-128).

Para a autora, o corolário da diversidade étnica resultante de sucessivas ondas migratórias na história guianense foi a “distribuição desigual de recursos econômicos” (Ibid., p. 133), a alocação de “papéis” a cada grupo étnico no “ordenamento societário” (Ibid., p. 147) e a formação de distintas “estratégias adaptativas de subsistência e mobilidade social” (Ibid., p. 148). Por sua vez, as “interpretações” dos significados das diferenças raciais e culturais criaram uma “hierarquia” sociocultural, econômica e política na qual os anglo-europeus ocupavam as “posições mais elevadas” (Ibid., p. 156). Os estereótipos étnicos seriam “racionalizações post facto”, tendo servido para “obscurecer as reais condições resultantes dos diferentes padrões de adaptação” dos grupos étnicos à ordem societária vigente (Ibid., p. 150). Em outras palavras, as “racionalizações ideológicas” e os “processos de estereotipização” resultaram na formação da “hegemonia anglo-europeia” (Ibid., p. 156; 168).

As questões postas por Williams são sintomáticas: como os subordinados - também denominados de “non-European” e “non-Anglo” - “ponderam” ao desenvolvimento, à solidificação dessa hegemonia e aos estereótipos que “postulam sua inferioridade”? Em virtude dos “constrangimentos impostos” pela hegemonia anglo-europeia, como “responderam às percepções

(estereotipadas) de uns sobre os outros”? Trata-se, enfim, de saber como os grupos dominados “responderam” - o uso abundante do termo é da autora - à hegemonia dos dominadores (Ibid., p. 156). Em suma:

“How did the subordinates carry the ‘Whiteman’s’ burden, and how was the burden altered by the post independence departure of the Anglo-European stratum, the physical representatives of symbolic predominance?” (Ibid., p. 156).

Imediatamente, Williams faz uma ressalva: seria uma “generalização” assumir que os grupos subordinados “meramente internalizaram” os estereótipos raciais e culturais anglo-europeus:

What remains to be seen is how the diverse subordinated non-Europeans who embodied these stereotypes interpreted and reshaped them in relation to the egalitarian and hierarchical precepts of an ideological field. How did their production and experience of horizontal racism encapsulated by vertical racism influence their production and use of stereotypes. (Ibid., p. 158-159)

Embora houvesse, entre os guianenses, “aparente consenso” quanto a certos aspectos do “quadro ideológico”, as interpretações “hierárquicas” pareavam interpretações “igualitárias” (Ibid., p. 159). A ideologia igualitária não configuraria um “código” que pregava total igualdade, mas antes definiria como os indivíduos deveriam agir para ascender socialmente e interagir com os menos favorecidos - daí sua dimensão “não-hierárquica” (:170). Nesse sentido, o igualitarismo e a hierarquização não se configuravam enquanto “ideologias mutuamente excludentes”:

The culture of domination that developed under Anglo-European hegemony centered on a particular process of stereotyping. Through this process and in conjunction with subordinate uses of different ideological precepts, subordinates could 1) act and interpret the world in accordance with the particulars of Anglo-European hegemonic interpretations, and, at the same time, 2) expand the meaning of ethnic stereotypes by fashioning new stereotypes and competing interpretations. What they were unable to do, however, was to enforce any one of their interpretations or, and this is more important, to legitimate one mode of interpretation (egalitarian or hierarchical) over the other (Ibid., p. p. 197).

As “realizações” de uma pessoa eram, portanto, julgadas à luz de suas “tendências presumidamente inatas” (pertencimento étnico), as quais, na concep-

ção local, poderiam ser “suprimidas” ou “nutridas” pela adoção de outra “cultura” (Ibid., p. 175). Em Coklaroum, a identidade étnica “fornecia o critério” que “moldava as expectativas e as avaliações” acerca do “potencial individual” de cada um para “atingir as posições” de classes médias e altas (Ibid., p. 177). A “estratificação” de classe andava lado a lado, portanto, com a produção de identidades étnicas (Ibid., p. 192). Por sua vez, indivíduos que aspiravam se tornar “membros respeitados” das classes médias e altas “necessitavam aderir” às “práticas e representações simbólicas da cultura inglesa” (Ibid., p. 193).

Na terceira parte do livro, Williams se debruça sobre a categoria de “religião”. Provavelmente, sugere, a “diversidade de práticas e crenças religiosas”, mais do que “outros elementos culturais”, tornou-se o “principal critério” utilizado pela elite europeia para categorizar os não-europeus como racial, moral e intelectualmente inferiores (Ibid., p. 201). E mesmo entre os indianos, grupo para o qual a religião era um “símbolo étnico e político fundamental” (Ibid., p. 202-203), a associação entre status e “pertencimento religioso” não foi eclipsada (Ibid., p. 204). A “adesão” ao cristianismo, um “elemento central” da hegemonia anglo-europeia, tornou-se um “critério importante” na avaliação do status individual e no “ordenamento hierárquico” dos grupos étnicos (Ibid., p. 214).

Tais pressupostos subjazem as interpretações da autora acerca dos casamentos na Guiana. Esses “eventos rituais” foram definidos como situações nas quais seria possível analisar a “operação” dos símbolos em “interações sociais” (Ibid., p. 247), que são “moldadas por campos ideológicos historicamente particulares” (Ibid., p. 251). Consoante à constatação de Drummond, Williams considerou os casamentos “eventos propícios” para refletir mais aprofundadamente sobre a Guiana. E isso porque seus participantes eram religiosa, cultural, racial e economicamente heterogêneos. Associando, mais uma vez, tais eventos rituais à hegemonia anglo-europeia, Williams pavimenta o caminho para o capítulo final, no qual a teorização e a observação de fatos em âmbito comunitário se fundem com os espectros da história guianense.

Para a autora, em função do processo de independência do país²¹ e do governo “autoritário” do PNC, “fragmentos do colonialismo pairavam sobre a vida dos guianenses” (Ibid., p. 271). O “processo de homogeneização inerente à formação de uma nova nação” esbarrava em “heterogeneidades e hierarquizações”, de modo que os guianenses “lutavam dia a dia” com “o seu passado e com o seu presente”. O “fantasma da hegemonia anglo-europeia”, combinado à reali-

dade político-econômica da época, “não podia ser ignorado pela população guianense” (Ibid., p. 257).

Essa hegemonia é definida como “fantasmagórica” [ghostly] porque, em suas palavras (Ibid., p. 214n3): “seus representantes físicos” (os colonizadores), com suas “ações coercivas diretas”, “estavam ausentes da arena nacional desde a independência”. Entretanto, assim como um fantasma tem poderes que os seres vivos não possuem, “a contínua influência” desse “padrão de dominação hegemônica passado” era, de muitas maneiras, “mais poderoso” nas décadas de 1970 e 1980. O fantasma, em resumo, era “uma presença sempre presente” [ever-present presence] (Ibid., p. 224).

As alternativas buscadas pelos guianenses para “exorcizar” tal fantasma dependeriam, segundo Williams, de “desdobramentos das lutas ideológicas para desmantelá-lo”, da “transformação da dominação hegemônica” (Ibid., p. 270). De forma sombria, Williams posiciona-se politicamente nas últimas linhas do livro. O governo de Burnham - cujo nome não é citado em nenhuma passagem do livro - “promovia fraudes eleitorais, atentava contra a constituição e assassinava oponentes” ao mesmo tempo em que “proclamava-se revolucionário” (Ibid., p. 271).

Entre o trabalho de campo e a publicação do livro, transcorreram-se pouco mais de dez anos. E Burnham já havia falecido. O chauvinismo, o nacionalismo e os etnocídios no Leste Europeu recrudesciam, e não à toa o capítulo inicial de Stains on my name, war in my veins pensa a relação entre sérvios e croatas. Fantasmas são veículos de emoções deformadas. Na Guiana, o caminho para exorcizá-los afigurava-se árduo. Aparentemente, eles estavam condenados a repetirem-se indefinidamente.

Guardadas as devidas diferenças entre os quatro empreendimentos revistos, fica evidente que os estudos de pequenas ‘unidades sociais’ - vilarejos ou aldeias indígenas - pautou-se, fundamentalmente, pela tentativa de entender algo maior: a Guiana. Ou melhor, categorias identitárias, pertencimentos étnicos, raciais, de classe e religiosos, buscas por obtenção de prestígio e de status, símbolos culturais, etc. são concebidos como expressões das dinâmicas **guianenses** de ser, pertencer e se relacionar. Mesmo interações, disputas e cerimônias descritas em pormenor - algo feito com fineza por Jayawardena e Williams - são remetidas a um enquadramento societário maior. Da mesma forma, a etnicidade passou a ocupar cada vez mais espaço nas análises e

os valores ingleses assumiram, em maior ou menor medida, um estatuto edificante, ou mesmo extratemporal, nesses esquemas interpretativos. Não à toa, tratou-se de demonstrar como, e em que medida, determinados grupos aderiram ou aos valores ingleses ou a percepções sobre a etnicidade, que, nesses empreendimentos, parecem pairar sobre todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICKERTON, Derek. Dynamics of a creole system. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

DESPRES, Leo. Cultural pluralism and nationalist politics in British Guiana. Chicago: Rand McNally, 1967.

GLASGOW, Roy Arthur. Guyana. Race and politics among Africans and East Indians. The Hague, 1970.

HINTZEN, Percy C. The costs of regime survival. Racial mobilization, elite domination and control of the state in Guyana and Trinidad. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

_____. Creoleness and nationalism in Guyanese anticolonialism and postcolonial formation. Small Axe, v. 15, p. 106-122, 2004.

JAYAWARDENA, Chandra. Marital stability in two Guyanese sugar estates communities. Social and Economic Studies, v. 9, n. 1, p. 76-100, 1960.

_____. Conflict and solidarity in a Guianese plantation. London: Athlone, 1963.

_____. Religious belief and social change: aspects of the development of Hinduism in British Guiana. Comparative Studies in Society and History, v. 8, p. 211-240, 1966.

_____. Migration and social change: a survey of Indian communities overseas. Geographical Review, v. 58, n. 3, p.426-449, 1968.

_____. Culture and ethnicity in Guyana and Fiji. Man, v. 15, n. 3, p. 430-450, 1980.

MELLO, Marcelo Moura. Devoções manifestas. Religião, pureza e cura em um templo hindu da deusa Kali (Berbice, Guiana). Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2014.

MENEZES, Mary Noel. The Amerindians in Guyana,

1803-1873: a documentary history. London: Routledge, 1979.

MINTZ, Sidney. Caribbean transformations. New York: Aldine Publishing Company, 1974.

PALMIÉ, Stephan; SCARANO, Francisco. Introduction: Caribbean counterpoints. In: _____. The Caribbean. A history of the region and its people. Chicago: The University of Chicago Press, 2011. pp.1-21.

RICKFORD, John R. Dynamics of a Creole Continuum. History, texts & linguistic analysis of Guyanese Creole. Stanford: Stanford University Press, 1987.

RIVIÈRE, Peter. O indivíduo e a sociedade na Guiana. Um estudo comparativo da organização social ameríndia. São Paulo: Edusp, 2001 (1984).

ROBERTS, G.W.; BYRNE, J.. Summary statistics on indentured and associated migration affecting the West Indies, 1834-1918. Population Studies, v. 20, n. 1, p. 125-134, 1966.

RODNEY, Walter. A history of Guyanese working people, 1881-1905. Baltimore: John Hopkins University Press, 1981.

SIDNELL, Jack. Talk and practical epistemology. The social life of knowledge in a Caribbean community. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005.

_____. Gender, space, and linguistic practice in an Indo-Guyanese village. Ph.D. Dissertation. Toronto: University of Toronto, 1999.

SMITH, Raymond. The Negro family in British Guiana. London: Routledge, 1956.

_____. Aspects of Rice Production in an East Indian Community in British Guiana. Social and Economic Studies, v. 6, n. 4, p. 502-522, 1957.

_____. Some social characteristics of Indian immigrants to British Guiana. Population Studies, v. 13, p. 34-39, 1959.

_____. British Guiana. London: Oxford University Press, 1962.

_____. Culture and social structure in the Caribbean: some recent works on family and kinship (Review Article). Comparative Studies in Society and History, v. 6, n. 1, 1963.

_____. Living in the gun mouth: race, class and political violence in Guyana. New West Indian Guide, v. 69, n. 3-4, p. 223-252, 1995.

SMITH, Raymond; JAYAWARDENA, Chandra. Hindu marriage customs in British Guiana. Social and Economic Studies, v. 7, n. 2, p. 178-194, 1958.

_____. Marriage and the family amongst East Indians in British Guiana. Social and Economic Studies, v. 8, n. 4, p. 321-376, 1959.

_____. Caste and social status among the Indians of Guyana. In: SMITH, Raymond. The matrifocal family. Power, pluralism, and politics. Routledge: New York, 1996 [1967]. p. 111-142.

TROTZ, Alissa; PEAKE, Linda. Gender, ethnicity and place. London: Routledge, 1999.

TROUILLOT, Michel-Rolph. The Caribbean region: an open frontier in anthropological theory. Annual Review of Anthropology, v. 21, p.19-42, 1992.

WILLIAMS, Brackette. Stains on my name, war in my veins. Guyana and the politics of cultural struggle. Durham: Duke University Press, 1991.

_____. A race of men, a class of women: nation, ethnicity, gender, and domesticity among Afro-Guyanese. In: WILLIAMS, Brackette (ed.). Women out of place: the gender of agency and the race of nationality. London: Routledge, 1996. p. 129-159.

NOTAS

1 Este texto explora alguns temas trabalhados com maior pormenor em minha tese de doutorado (MELLO, 2014). A pesquisa contou com o apoio da FAPERJ, do CNPq e do PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, a quem estendo meus agradecimentos.

2 Maiores detalhes sobre esse período podem ser encontrados em: DESPRES (1967), GLASGOW (1970); HINTZEN (1989; 2004).

3 Neste texto, grifos em itálico correspondem a expressões nativas e a termos estrangeiros; aspas referem-se à terminologia da bibliografia especializada, enquanto negrito e aspas simples constituem ênfases do autor.

4 O historiador e ativista político Walter Rodney (1942-1980), um dos principais opositores do regime Burnham, morreu após seu carro ser explodido. As

circunstâncias de seu assassinato são nebulosas, mas poucos guianenses têm dúvidas quanto à participação direta de Burnham em tal atentado.

5 As eleições gerais de 2006 e 2011, ao contrário, não registraram conflitos dessa ordem.

6 Para mais informações acerca dos povos ameríndios na região das Guianas, ver: RIVIÈRE (2001) e MENEZES (1979).

7 Segundo o censo de 2002, indianos compraziam 43,45% da população; africanos (ou negros), 30,20%, ameríndios, 9,16%; portugueses, 0,20%; chineses, 0,19%; europeus (ou brancos), 0,06%. Há um contingente expressivo de indivíduos categorizados como mistos, que comprazem 16,73% da população. Misto é uma categoria de identificação, e autoidentificação, extremamente complexa, variável e que coloca em xeque a suposta rigidez das identidades étnicas guianenses, embora ainda não se tenha refletido devidamente acerca dessa categoria.

8 Observo que a história das populações autóctones em toda a região - não só nas Guianas - está longe de ser tão simples assim. Em relação a Guiana, é notável a difusão de discursos - acadêmicos, inclusive - que ignoram a presença indígena, pensando o país a partir daquilo chamado por Trotz e Peake (1999, p. 11) de “ponto de vista da costa”, região onde 96% da população vive em uma faixa litorânea que compraz apenas 4% do território do país. A grande maioria dos coletivos ameríndios reside nas regiões de floresta da Guiana.

9 Como já indicado, aspas referem-se à terminologia empregada pela bibliografia especializada. Com o objetivo de tornar o texto menos fastidioso, grifei os conceitos, termos e expressões dos autores a serem revisados apenas quando de suas primeiras ocorrências.

10 A pesquisa de campo foi realizada entre 1951 e 1953.

11 Esse é um aspecto importante na medida que o debate entre Melville Herskovits e Franklin Frazier repercutiu nas discussões sobre o Caribe. Resumidamente, enquanto Herskovits considerava a organização social das famílias negras pobres como o fruto de reinterpretções de formas básicas africanas, Frazier não conferia importância à herança cultural africana, cujo substrato teria se fragmentado devido à escravidão. A concentração dos estudos no Caribe em unidades domésticas, por seu turno, derivou,

em parte, da tentativa de questionar o princípio de que as famílias (negras, em sua maioria) eram desorganizadas, como bem percebeu o próprio Smith (1963, p. 29).

12 Outros critérios além da cor caracterizariam o grupo branco, definível não apenas pela cor da pele, mas também pelo “grau de adesão aos ideais da cultura e aos modos de ser ingleses”. Isso explicaria por que os portugueses, que não eram, nem são, considerados brancos e europeus na Guiana, não adquiriram o “estatuto” de brancos. Católicos, de coloração mais escura e “alheios aos ideais ingleses”, os portugueses ocuparam um lugar inferior na hierarquia societária guianense (SMITH, 1962, p. 99-103).

13 Jayawardena estudou na London School of Economics, sob orientação do sinólogo Maurice Freedman.

14 O trabalho de campo foi realizado entre 1956 e 1958.

15 Drummond defendeu sua tese, “The Outskirts of the Earth: a study of Amerindian Ethnicity on the Pomeroon River, Guyana”, em 1974 na Universidade de Chicago, sob orientação de Raymond Smith.

16 Muito embora a língua oficial da Guiana seja o inglês, no dia a dia a maioria das pessoas fala o que autores como Bickerton (1975) e Rickford (1987) chamaram de “variações crioualizadas do inglês”. Muito resumidamente, o conceito de continuum refere-se à situação linguística na Guiana, caracterizada pela contínua alternância dos falantes entre um amplo espectro de modulações entre a língua padrão oficial (o inglês britânico) e uma língua crioula.

17 Williams fez sua pós-graduação no programa de História e Cultura Atlântica da Universidade de John Hopkins. A tese da autora foi defendida em 1983, com o título “Cockalorums in search of cockaigne: status competition, ritual and social interaction in a rural Guyanese community”.

18 Muito embora as quatro áreas desse vilarejo fossem, antes dos conflitos de 1962 e 1964, “racialmente mais heterogêneas”, segundo os informantes de Williams (1991, p. 46).

19 Raymond Smith saudou a obra, na contracapa do livro, como “a melhor etnografia sobre o Caribe escrita em anos”.

20 Em sua contribuição ao livro por ela mesmo

editado, Williams confere centralidade à construção da masculinidade entre afro-guianenses, que deveria ser vista a partir das “restrições estabelecidas pela imagem estereotípica da cultura anglo-europeia” (WILLIAMS, 1996, p. 146).

21 Lembrando que a pesquisa de Williams teve início em 1978.